

Relações de trabalho - Gourmet

Resumo

O que é trabalho

O trabalho é a atividade humana que demanda certo gasto de energia durante um tempo no uso de nossas capacidades para suprir necessidades variadas. Esse trabalho se caracteriza pela transformação do mundo, pela produção e criação de algo.

Nós, ao trabalharmos, temos consciência do que estamos fazendo. Planejamos antes e focamos no trabalho. Assim, em nome do nosso desejo de suprir essas necessidades, controlamos nossos desejos e nos dedicamos a realizar o que temos em mente. Comparados aos outros animais, o trabalho se manifesta como uma atividade especificamente humana não pela qualidade, mas pela submissão da vontade e pela consciência. O trabalho, no final das contas, passa a ser parte do que somos, do que nos define como humanos. É aquela sensação de satisfação ao terminar uma tarefa difícil, seja uma atividade acadêmica extensa ou montar um móvel complicado, quando você olha e pensa: eu fiz isso.

Sendo assim o trabalho extrapola a esfera econômica e interfere no modo como a sociedade se organiza. Como? Ora, se nos identificamos no resultado de nosso trabalho, se ele nos completa, a maneira como os produtos resultantes deste trabalho serão dispostos e acessados interferirá na maneira como enxergamos a nós mesmos. Como diria Marx:

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência”

MARX, Karl. Prefácio para a Crítica da Economia Política

Reestruturações produtivas

Ora, então o modo como a produção está organizada define como vivemos? Sim! Pensemos abordando as grandes mudanças que ocorreram com o capital, desde seu surgimento. Chamamos essas transformações de reestruturações produtivas. Toda sociedade capitalista está baseada estruturalmente nessas reformulações. O capitalismo está sempre em busca do lucro, que é seu fim, e essa busca causa grandes transformações tecnológicas, políticas, culturais e sociais. Na maioria das vezes, as reestruturações produtivas acontecem para solucionar as crises econômicas. Falar em crise significa dizer que houve perda de lucratividade. Nesse sentido, as reestruturações produtivas têm papel fundamental na reprodução das sociedades capitalistas, pois procuram restaurar o crescimento das taxas de lucro.

Primeira revolução industrial

Com o advento da primeira revolução industrial, uma nova forma de se relacionar no trabalho e com o trabalho surgiu. A simples troca de valor entre o capitalista e o proletário na compra da força de trabalho pelo pagamento do salário. Parece simples mesmo, afinal, já naturalizamos essa condição. No entanto, esse evento permite uma inovação nas relações de trabalho nunca dantes vista. Não se trata de o capitalista ficar com o resultado de um trabalho conhecido pelo proletário, tal qual ocorre com o vassalo. Agora o trabalhador não tem mais domínio sobre o que faz, fato que o aliena de si mesmo, já que se espelha em seu trabalho. A alienação pautará as relações desenvolvidas a partir daí, seja na estrutura, seja na superestrutura. Nos relacionaremos, consumo, lazer, política etc.

Segunda revolução industrial

Na Segunda Revolução Industrial aconteceu o que conhecemos por abordagem científica da produção, ou **taylorismo**. Um sistema de administração que impôs técnicas otimizadas à mão de obra contratada. Nesse sistema predominou um trabalho repetitivo de vínculo estável e formal. Era necessário um profissional especializado para a produção em massa. Assim sendo o trabalhador era observado e disciplinado, inclusive fora do ambiente de trabalho. Era um trabalho coletivo com grandes contingentes de trabalhadores e remuneração regular. Como observou Gramsci:

“Na América, a racionalização do trabalho e o proibicionismo estão indubitavelmente ligados: as investigações dos industriais sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a ‘moralidade’ dos operários são necessidades do método de trabalho. [...] Taylor exprime com brutal cinismo o objetivo da sociedade americana: desenvolver em um grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal.”

GRAMSCI, Antonio. Caderno 22 (Americanismo e Fordismo). In: _____. Cadernos do cárcere, vol. 4 (Temas de Cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 266.

A questão central no taylorismo era o controle do trabalhador. Sem isso, seria impossível implantar as transformações e reestruturações produtivas que maximizavam os lucros. Tal reestruturação não se restringiu ao chão de fábrica: a introdução de técnicas gerenciais de controle dos trabalhadores, somada à tecnologia, à elevação dos salários por metas produtivas e a certas formas de conduta social fora das fábricas, constituiu um modo de vida intrinsecamente vinculado à produção em larga escala e, por consequência, ao consumo em massa. Muitos cientistas sociais procuraram entender as consequências sociais das reestruturações produtivas, na medida em que as compreendem não somente como um processo de transformação tecnológico, mas também como um processo de reorganização político e ideológico das classes trabalhadoras.

Junto com essa reestruturação se formou um tipo de Estado que dava suporte a esse tipo de organização das indústrias. Com o crescimento vertiginoso da produção, surgiram novas associações trabalhistas e empresariais, novos sindicatos, novos padrões de consumo e de comportamento. Tornou-se necessário um certo tipo de Estado para regular essas novas relações sociais.

Esse tipo de Estado, conhecido como de **Bem-Estar Social**, por causa das conquistas políticas e sociais da classe trabalhadora, estabeleceu leis trabalhistas, de regulamentação da jornada de trabalho, com regras

gerais que em alguma medida protegiam os trabalhadores. No entanto, essa mesma classe se sujeitava à intensidade da produção taylor-fordista, muito rígida e disciplinada, para atingir altos índices de produtividade. Por volta do final dos anos 1960, as taxas de lucratividade começaram a cair e a classe capitalista impôs a necessidade de restaurar as taxas de lucro perdidas.

Terceira revolução Industrial

Assim vemos surgir um trabalho flexibilizado e que oferece menos garantias para o trabalhador. Os contratos, inclusive, são flexibilizados. O trabalhador deve ser multifuncional para realizar a gestão de seu próprio trabalho. Esse momento e reformulação faz alusão a diversos aspectos da primeira revolução industrial, como o domínio relativo do processo de trabalho e a mobilização da conexão psicofísica com as atividades. Agora a indústria demanda um trabalhador polivalente que opera diversas máquinas diferentes e acumula funções dos operários que foram dispensados. Mesmo sobrecarregado, esse trabalhador passa a ser responsável pela qualidade de seu produto. A produção é por demanda e o contingente de trabalhadores se reduz. A remuneração é variável e o trabalho individualizado.

Esse modelo de trabalho, conhecido por **toyotismo**, impulsionou a terceirização, que, por si só, já constitui uma precarização do trabalho. Mas, para além disso, observamos o aumento número de desempregados pela redução de trabalhadores, aumentando o que é nomeado por Marx de exército de reserva, grupo que, por conta do desemprego, aceita piores condições de trabalho. Esse grupo também pressiona os trabalhadores empregados a aceitarem as investidas do capital com vias de aumento da lucratividade, sob pena de ser substituído por um trabalhador que aceite essas investidas.

Essencialmente, o que muda do taylor-fordismo para o toyotismo é a automação da produção. A substituição de antigas máquinas por robôs e máquinas sofisticadas poupa tempo de trabalho e permite dispensar parte do contingente de trabalhadores. Com isso, os empresários poupam custos produtivos, o que eleva as taxas de lucratividade e desmobiliza as organizações de defesa dos trabalhadores, como sindicatos e partidos operários. As consequências disso, para a classe trabalhadora, são o crescimento abrupto do desemprego, a diminuição do valor dos salários, a desmobilização política e a queda de seu poder de compra.

Em vez de estado de bem-estar social, esse modelo é acompanhado pelo que ficou conhecido por **Estado neoliberal**, que atua na desestruturação da solidez do trabalho do período anterior. Questões econômicas são transferidas para o mercado, inclusive com privatizações. Além disso, as leis trabalhistas são flexibilizadas, permitindo a intensificação da exploração do trabalho. O Estado diminui em ações e contingente (menos servidores públicos) e as fronteiras comerciais são gradualmente derrubadas permitindo uma livre circulação de capital, que comumente acontece num movimento de sentido único de multinacionais para países periféricos.

Essa reestruturação observou um especial acirramento da precarização do trabalho, na medida que promove o desemprego em larga escala e a diminuição das proteções ao trabalhador na relação de trabalho. Um dos mecanismos de precarização destacáveis é a terceirização, que constitui, de maneira ampla, no processo de contratação de trabalhadores para realização de uma tarefa através de uma empresa interposta

(terceira), com o objetivo de diminuir os custos de produção e a desresponsabilização da empresa do cumprimento de obrigações trabalhistas. Nessa cascata de contratações, a exploração se acentua, com menos possibilidades de reclamações por parte dos trabalhadores e pouca ou nenhuma observância das leis trabalhistas, já flexibilizadas.

Globalização e Divisão internacional do trabalho

A **divisão internacional do trabalho (DIT)** é a maneira como a produção se organiza pelo globo. Na primeira fase dessa divisão, no capitalismo comercial, essa divisão consistia em extração de produtos primários, trabalho escravo e especiarias nas colônias e produção e exportação de produtos manufaturados nas metrópoles. Na segunda fase, no capitalismo industrial, os países subalternizados (colônias e países subdesenvolvidos) forneciam matérias-primas e produtos primários (agrícolas e minerais). Já nos países centrais do capitalismo havia transformação de matéria-prima em produtos industrializados. Por fim, surge o capitalismo financeiro, onde os países de capitalismo dependente oferecem produtos industrializados e matérias-primas e os países centrais do capitalismo possuem, além de produtos industrializados, o domínio de altas tecnologias e investimentos. Com a **terceira ou nova DIT** observamos a inserção dos países periféricos em processos industriais. Só que essa industrialização é marcada pela abertura dos mercados financeiros desses países e pela instalação de multinacionais globais oriundas do centro do capital. Ou seja, a produção industrial continua produzindo riqueza para os países ditos desenvolvidos, que buscam na globalização incentivos fiscais, mercados de trabalho flexibilizados e precarizados e exploração de matéria-prima.

Será então que a globalização do capitalismo produziu melhorias nos países mais pobres? Ela manteve os direitos nos países Estado de bem-estar social? O que podemos observar é que a nova dinâmica da DIT produz uma contínua degradação das condições de trabalho em todas as regiões do mundo, ao contrário do que se previa com o desenvolvimento das nações mais pobres. A cadeia produtiva mundial sustenta ao mesmo tempo empregos altamente remunerados, postos de trabalho relativamente seguros e as mais precárias relações de trabalho, algumas análoga à escravidão.

Assim é possível observar o surgimento de uma nova camada nas relações de trabalho, o **precariado**. A sociologia europeia classifica essa camada como uma nova classe, já os pensadores brasileiros acreditam que esse grupo integra o proletariado. São pessoas em postos de trabalho altamente inseguros, quando ocupando um posto formal, em sua maioria realizando atividades com baixíssima remuneração em condições degradantes.

Exercícios

1. Uma fábrica na qual os operários fossem, efetiva e integralmente, simples peças de máquinas executando cegamente as ordens da direção pararia em quinze minutos. O capitalismo só pode funcionar com a contribuição constante da atividade propriamente humana de seus subjugados que, ao mesmo tempo, tenta reduzir e desumanizar o mais possível.

CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

O texto destaca, além da dinâmica material do capitalismo, a importância da dimensão simbólica da sociedade, que consiste em

- a) elaborar significações e valores no mundo para dotá-lo de um sentido que transcende a concretude da vida.
 - b) estabelecer relações lúdicas entre a vida e a realidade sem a pretensão de transformar o mundo dos homens.
 - c) atuar sobre a vivência real e modificá-la para estabelecer relações interpessoais baseadas no interesse mútuo.
 - d) criar discursos destinados a exercer o convencimento sobre audiências, independentemente das posições defendidas.
 - e) defender a caridade como realização pessoal, por meio de práticas assistenciais, na defesa dos menos favorecidos.
2. A Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX, nos EUA, período em que a eletricidade passou gradativamente a fazer parte do cotidiano das cidades e a alimentar os motores das fábricas, caracterizou-se pela administração científica do trabalho e pela produção em série.

MERLO, A. R. C.; LAPIS, N. L. A. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. Psicologia e Sociedade, n. 1, abr. 2007.

De acordo com o texto, na primeira metade do século XX, o capitalismo produziu um novo espaço geoeconômico e uma revolução que está relacionada com a

- a) proliferação de pequenas e médias empresas, que se equiparam com as novas tecnologias e aumentaram a produção, com aporte do grande capital.
- b) técnica de produção fordista, que instituiu a divisão e a hierarquização do trabalho, em que cada trabalhador realizava apenas uma etapa do processo produtivo.
- c) passagem do sistema de produção artesanal para o sistema de produção fabril, concentrando-se, principalmente, na produção têxtil destinada ao mercado interno.
- d) independência política das nações colonizadas, que permitiu igualdade nas relações econômicas entre os países produtores de matérias-primas e os países industrializados.
- e) constituição de uma classe de assalariados, que possuíam como fonte de subsistência a venda de sua força de trabalho e que lutavam pela melhoria das condições de trabalho nas fábricas.

3. A introdução da organização científica taylorista do trabalho e sua fusão com o fordismo acabaram por representar a forma mais avançada da racionalização capitalista do processo de trabalho ao longo de várias décadas do século XX.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009 (adaptado).

O objetivo desse modelo de organização do trabalho é o alcance da eficiência máxima no processo produtivo industrial que, para tanto,

- a) adota estruturas de produção horizontalizadas, privilegiando as terceirizações.
 - b) requer trabalhadores qualificados, polivalentes e aptos para as oscilações da demanda.
 - c) procede à produção em pequena escala, mantendo os estoques baixos e a demanda crescente.
 - d) decompõe a produção em tarefas fragmentadas e repetitivas, complementares na construção do produto.
 - e) outorga aos trabalhadores a extensão da jornada de trabalho para que eles definam o ritmo de execução de suas tarefas.
4. Um trabalhador em tempo flexível controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho é muitas vezes maior para os ausentes do escritório do que para os presentes. O trabalho é fisicamente descentralizado e o poder sobre o trabalhador, mais direto.

SENNETT, R. A corrosão do caráter: consequências pessoais do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999 (adaptado).

Comparada à organização do trabalho característica do taylorismo e do fordismo, a concepção de tempo analisada no texto pressupõe que

- a) as tecnologias de informação sejam usadas para democratizar as relações laborais.
- b) as estruturas burocráticas sejam transferidas da empresa para o espaço doméstico.
- c) os procedimentos de terceirização sejam aprimorados pela qualificação profissional.
- d) as organizações sindicais sejam fortalecidas com a valorização da especialização funcional.
- e) os mecanismos de controle sejam deslocados dos processos para os resultados do trabalho.

5. Homens da Inglaterra, por que arar para os senhores que vos mantêm na miséria?

Por que tecer com esforços e cuidado as ricas roupas que vossos tiranos vestem?

Por que alimentar, vestir e poupar do berço até o túmulo esses parasitas ingratos que exploram vosso suor — ah, que bebem vosso sangue?

SHELLEY. Os homens da Inglaterra. Apud HUBERMAN, L. História da Riqueza do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

A análise do trecho permite identificar que o poeta romântico Shelley (1792-1822) registrou uma contradição nas condições socioeconômicas da nascente classe trabalhadora inglesa durante a Revolução Industrial. Tal contradição está identificada

- a) na pobreza dos empregados, que estava dissociada da riqueza dos patrões.
 - b) no salário dos operários, que era proporcional aos seus esforços nas indústrias.
 - c) na burguesia, que tinha seus negócios financiados pelo proletariado.
 - d) no trabalho, que era considerado uma garantia de liberdade.
 - e) na riqueza, que não era usufruída por aqueles que a produziam.
6. Wall Street Journal aponta que nunca antes as empresas americanas tentaram tão arduamente empregar tão poucas pessoas. É bem provável que a onda de terceirização que transferiu os trabalhos de confecção de roupas para a China e as operações de atendimento a clientes para a Índia também ocorra dentro de empresas em todos os EUA e em quase todos os setores.
- (...) O diário norte-americano avalia que cerca de 70 mil prestadores de serviços, fornecedores e funcionários temporários testam os carros autônomos do Google, revisam documentos legais, tornam seus produtos mais fáceis e melhores de usar, gerenciam projetos de marketing e de dados e executam muitas outras tarefas. A mudança está alterando radicalmente o que significa ser uma empresa e um trabalhador nos EUA. Mais flexibilidade para as empresas reduzirem sua base de funcionários, folha de pagamentos e benefícios significa menos segurança laboral para os trabalhadores. Uma ascensão de carreira que leve o empregado do almoxarifado à mesa da presidência ficou mais difícil agora que os terceirizados não fazem parte de uma força de trabalho na qual empregados talentosos são promovidos.

<http://www.jb.com.br/economia/noticias/2017/02/03/the-wallstreet-journal-o-fi-m-do-emprego-com-carteira-assinada-nos-eua/>

O texto demonstra que a terceirização promove:

- a) a redistribuição do lucro.
- b) o avanço da robotização.
- c) a alienação do trabalhador.
- d) o aumento da informalidade.
- e) Aumento da empregabilidade

7. Uma mesma empresa pode ter sua sede administrativa onde os impostos são menores, as unidades de produção onde os salários são os mais baixos, os capitais onde os juros são os mais altos e seus executivos vivendo onde a qualidade de vida é mais elevada.

SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Campanha das letras, 2001 (adaptado).

No texto estão apresentadas estratégias empresariais no contexto da globalização. Uma consequência social derivada dessas estratégias tem sido

- a) o crescimento da carga tributária.
 - b) o aumento da mobilidade ocupacional.
 - c) a redução da competitividade entre as empresas.
 - d) o direcionamento das vendas para os mercados regionais.
 - e) a ampliação do poder de planejamento dos Estados nacionais.
8. Ao tratar do método utilizado por Karl Marx para compor *O Capital*, Jacob Gorender afirma que “[...] **Marx não partiu do conceito de valor, mas da mercadoria, isto é, da célula germinativa do modo de produção capitalista**”.

Diante do exposto e dos seus conhecimentos acerca da obra desse teórico, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) O fetiche da mercadoria reflete aos homens as características sociais do seu trabalho como se fossem propriedades do próprio produto. Por este motivo, o fetiche da mercadoria provém de seu valor de uso.
- b) O valor de uso é o suporte físico do valor das mercadorias.
- c) O caráter duplo do valor de uso e do valor de troca resulta do caráter também do próprio trabalho que o produz: trabalho concreto e trabalho abstrato.
- d) Na sociedade capitalista, a riqueza pode ser compreendida como uma imensa coleção de mercadorias.
- e) A mercadoria produzida pelo trabalhador, na maioria das vezes, não é comprada por ele

9. Atualmente experimentamos profundas transformações, em todas as dimensões da sociedade, que levaram a uma reestruturação radical do setor produtivo. É uma das CONSEQUÊNCIAS desse processo:
- a) Promove-se a organização da classe trabalhadora e fortalecem-se os sindicatos, uma vez que agora estes possuem um poder de pressão maior sobre os empresários.
 - b) As empresas que passaram por um processo de reestruturação produtiva conseguiram obter vantagens comerciais porque, ao fazerem um intenso investimento em tecnologia, reduziram consideravelmente o desemprego tecnológico, ao mesmo tempo em que criaram mais postos de trabalho.
 - c) A fragmentação do mundo do trabalho e a prática empresarial da terceirização tendem a criar uma rede complexa e diversificada na qual surgem novos estatutos precários de emprego e salário.
 - d) Conquistam-se novos benefícios sociais e garantem-se benefícios já conquistados, na medida em que as empresas contratantes, ao livrarem-se dos encargos sociais e legais impostos pelo Estado, acrescentam os valores correspondentes nos salários dos trabalhadores, a título de incentivo.
 - e) Existe uma espécie de degradação do trabalho na maioria dos setores da economia, que é determinada, em grande medida, pelo pouco interesse que os jovens possuem em relação à sua própria qualificação; o que nada tem a ver com os processos decorrentes da lógica do capitalismo.
10. O próprio movimento operário não pode ser reduzido a um conflito de interesses econômicos ou a uma reação contra a proletarianização. Ele é animado por uma imagem de “civilização” industrial, pela ideia de um progresso das forças de produção utilizado para o bem de todos. O que é bem diferente da utopia igualitarista simples, pouco preocupada com as condições de crescimento.

TOURAINÉ, A. Os movimentos sociais. In: FORRACHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Org.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1997.

Considerando a caracterização apresentada pelo texto, a busca pela igualdade pressupõe o(a)

- a) estímulo da luta política.
- b) adoção da ideologia marxista.
- c) coletivização dos meios de produção.
- d) aprofundamento dos conflitos sociais.
- e) intensificação do crescimento econômico.

Gabarito

1. A

Apesar da aparência (e justificativa) de liberdade e igualdade entre as classes, burguês e proletariado, capitalista e trabalhadores, na verdade, não há interesse mútuo na relação que se apresenta. As condições materiais dadas atestam que a relação entre as classes é contraditória e que não se baseia na simples troca de valor entre interessados. Mesmo assim, o proletário, explorado nessa relação, se mantém oprimido e desumanizado, aceitando essa relação e compreendendo o mundo e a sociedade pela visão particular do burguês, coletivizada pela ideologia.

2. B

Nesse sentido, o fordismo passa a existir como parte da 2ª Revolução Industrial, apresentando o modelo de produção de Henry Ford, que consistia na divisão e hierarquização dos processos de trabalho produção, levando a uma produção em massa de baixo custo e ao incremento na acumulação de capital. Esse sistema é organizado pela administração científica que otimiza os processos e requer do trabalhador uma atividade cada vez mais maquinal.

3. D

O sistema fordista de produção ficou conhecido por fragmentar as etapas produtivas, causando a alienação do trabalhador em relação ao produto final que havia produzido. O objetivo era a maior produção em menor tempo e o sistema da linha de montagem otimizava a mais valia e os lucros.

4. E

O modelo Fordista-Taylorista buscava o aprimoramento do processo produtivo industrial a partir do controle do tempo e das ações dos trabalhadores (Linha de montagem). Esse modelo comparado ao modelo da concepção de tempo analisada, tempo este recente e o modelo Toyotista, passa a ocorrer a busca pela alta qualificação do trabalhador e a automação da produção visando a melhoria que levará a um aumento de produtividade e dos lucros.

5. E

O texto de Shelley faz uma crítica direta à burguesia inglesa no período da Revolução Industrial. Acredita que os burgueses exploravam a mão de obra proletariado tendo em vista obter lucros altíssimos para usufruir de riquezas que não eram produzidas por eles e sim pelos proletários.

6. D

A terceirização afasta o empregado da estrutura da empresa, liberando-a das responsabilidades sociais assumidas como obrigatórias nas relações de trabalho há pouco tempo. Nesse processo aumentam os postos de trabalho temporários e/ou sem vínculo formal, movidos pela demanda do mercado que é suprida por trabalhadores cada vez mais precarizados em busca de uma oportunidade de emprego.

7. B

O texto trata da estratégia de fragmentação empresarial em busca de maiores vantagens e uma consequência social desse processo é a mobilidade ocupacional visto que o avanço dos transportes e comunicações possibilitam a comunicação e as trocas mesmo com a existência de distâncias físicas.

8. A

Em Marx, fetiche da mercadoria é a atribuição ao produto, resultado de trabalho humano, de um valor (e um sentido) que excede a sua utilidade, ou seja, o seu valor de uso. O valor de uso do produto deveria ser a somatória do trabalho empregado para produzi-lo. Porém, na sociedade capitalista os produtos ganham existência em si mesmos, tornando-se então fetiches, instrumentos revestidos de valores simbólicos. Dessa forma, a afirmativa A está errada porque vincula o fetiche ao valor de uso e não a esta outra esfera abstrata.

9. C

As transformações a que o enunciado faz referência são, entre outras, a do uso da tecnologia informacional, da globalização e do fim da produção em série, com todas as consequências que isso acarreta. A partir disso podemos dizer que a alternativa A está incorreta, porque há um enfraquecimento da classe trabalhadora e dos sindicatos nesse processo, uma vez que surgem menos postos de trabalho e há menos dependência da mão de obra humana. A alternativa B está incorreta porque, como afirmamos em A, o uso da tecnologia leva à diminuição da oferta de emprego. A alternativa C está correta, a possibilidade de trabalhar em qualquer lugar, permitida pela divisão da produção e os novos meios de transporte, leva à criação de terceirizações e à precarização do emprego. A alternativa D está incorreta porque a dispensa da obrigatoriedade dos gastos sociais não leva a um maior investimento por parte das empresas no salário dos empregados. E a alternativa

E está incorreta porque a degradação do trabalho tem a ver com a lógica capitalista, que busca sempre o maior lucro possível para o empresário, em muitas situações em detrimento do trabalhador. A afirmação de que a culpa da precarização é do próprio trabalhador é um mecanismo ideológico para justificar uma exploração injustificável.

10. E

A questão diz respeito ao movimento operário, elucidando no texto que suas reivindicações não são utópicas, mas buscam melhores condições de crescimento e acesso econômico. A busca pela igualdade então só pode ocorrer com melhores condições de produção e intensificação do acesso ao crescimento econômico.